

Estudos literários e linguísticos: temas livres

Alex Martoni*
Filipe Almeida Gomes**

De maneira a reafirmar seu compromisso com a promoção dos conhecimentos científicos relacionados aos estudos linguísticos e literários, *Scripta* apresenta ao público este seu número 62, primeira parte do volume 28. Trata-se de um número que se beneficia das potencialidades abertas pela decisão editorial de levar ao público, também, números de natureza atemática.

Em termos gerais – ou seja, no que diz respeito ao projeto editorial de *Scripta* –, essa decisão tem o mérito de tornar possível colocar em circulação um conjunto de trabalhos que, a despeito de sua relevância teórico-metodológica, podem, em virtude de suas especificidades temáticas, encontrar dificuldades para serem abrigados em um dossiê. Em termos específicos – isto é, no que se refere a este número –, a referida decisão editorial, em vez de ensejar uma aparente falta de unidade entre os trabalhos coligidos, permite, isso sim, evidenciar o caráter múltiplo e vultoso dos estudos linguísticos e literários, bem como encontrar novos pontos de articulação, preocupações similares e ideias complementares.

Isso se ratifica já nos dois primeiros artigos da seção “Estudos literários”. Eles propõem leituras que colocam em

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutorado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
Professor do Programa de Pós-graduação em Letras. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5066-468X>

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutorado em Linguística e Língua portuguesa pela PUC Minas.
Professor do Programa de Pós-graduação em Letras. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7356-3128>

relevo o modo como os romances nos permitem refletir sobre as condições sociais de existência da mulher e do negro. Em “Diferentes perspectivas sobre a mulher em *O mameluco* (1882), de Amélia Rodrigues”, por exemplo, Lara Faria Jansen França pinça um romance recentemente tirado do ostracismo na história da literatura brasileira, a fim de analisar a experiência da mulher no Brasil oitocentista a partir das formas em que aparecem representadas na obra da escritora baiana. No artigo seguinte, “A contestação e a apropriação da viagem no road novel *Trilhas*, de Robyn Davidson”, Miriam Cardoso da Silva também se debruça sobre o problema da circunscrição social dos horizontes de experiência da mulher. Para tal, analisa os processos de autodescoberta vividos pela protagonista ao longo da viagem de quase três mil quilômetros que realiza no curso do romance.

Os dois artigos subsequentes são talhados por problemas contemporâneos concernentes à teoria da literatura. Em “No limiar da escrita: a morte do autor e metaficção em *Os guardachuvas cintilantes*, de Teolinda Gersão”, Rodrigo Felipe Veloso parte de um conjunto de problemas concernentes à escrita no mundo contemporâneo, como as noções de “a morte do autor”, de Roland Barthes, “metaficção”, “autor-leitor virtual”, para refletir sobre o estatuto do diário na literatura da autora portuguesa, mais particularmente refletir sobre como ela articula, a essa forma tradicional de escrita, a fragmentação do indivíduo, a inclusão de outras vozes ao texto, a metalinguagem enquanto corporeidade dos discursos enunciados sobre o ato de escrever, entre outros aspectos. Já em “João Ternura, herói da revolução”, Marcos Vinícius Teixeira revisita o célebre romance de Aníbal Machado com o objetivo de lançar luzes em um aspecto pouco analisado do romance: o modo como ele representa a Revolução de 30.

Desse modo, coloca-se em relevo de que modos a dimensão história plasma, em grande medida, a forma do romance.

Os dois artigos que encerram a seção “Estudos Literários” revisitam, cada um à sua maneira, o universo da literatura infantojuvenil. Em “A intertextualidade em literaturas infantis como processo de autorrepresentação surda”, Daniel Ferreira Costa analisa fenômenos de intertextualidade presentes em três histórias adaptadas para a comunidade surda, a saber: *Cinderela surda*, *Patinho surdo* e *Rapunzel surda*. O artigo tanto nos apresenta as formas de produção da literatura surda como, sob o ponto de vista da recepção, nos mostra a importância da literatura como forma de inclusão dessa comunidade ao dar protagonismo às características visuais e corporais dos surdos. Já em “A ecofenomenologia do Pequeno Príncipe”, Gabriel de Almeida de Barros, em perspectiva crítica ao humanismo antropocêntrico, dá voz aos personagens da natureza que aparecem na célebre novela de Antoine de Saint-Exupéry, como uma flor que fala e uma raposa que nutre a vontade de ser cativada, a fim de fundamentar o caminho para uma ética ambiental a partir da qual se apaga a relação epistemológica sujeito/objeto para se aventar um *ethos* embasado em nossa experiência profunda na relação com a natureza.

Quanto aos trabalhos presentes na seção “Estudos Linguísticos”, a diversidade e a opulência do campo também se manifestam de forma clara. É o que podemos assumir, por exemplo, ao observar que a diversidade temática encerra variadas opções teóricas e metodológicas.

No primeiro texto, denominado “Da faculdade metalinguística em Benveniste à proposição de uma Antropologia da Enunciação”, Valdir do Nascimento Flores busca, exatamente,

aquilo que o título anuncia: por meio de um sobrevoo em alguns escritos de Émile Benveniste, apresentar ao público a noção de *faculdade metalinguística* e suas implicações para a antropologia da enunciação. No texto seguinte, “Discussões, polêmicas amargas e xingos de todo gênero: o debate estendido sobre a língua do Brasil”, Hosana dos Santos Silva, em diálogo com as considerações de Pierre Bourdieu, discorre a respeito dos significados sociopolíticos e históricos que assomaram com o debate secular sobre o nome da língua falada no Brasil. No terceiro texto da seção “Estudos Linguísticos”, com o artigo “Sequência textual e uso de construções conclusivas”, Mayra França Floret apresenta os resultados de uma pesquisa que analisou as construções conclusivas em três períodos da história do português e, com isso, chegou ao entendimento de que a escolha por determinadas construções conclusivas é influenciada pela sequência textual. No quarto trabalho, se valendo das reflexões teóricas de Willard van Omar Quine e das experiências empíricas de Daniel Everett em sua lida com os indígenas Pirahã, Larissa Colombo Freisleben versa sobre “A tradução radical e alguns problemas para a linguística”. Na sequência, isto é, no quinto texto, Soelis Mendes e Ana Luíza Barreto Lisboa, ao refletirem sobre as “Unidades fraseológicas religiosas no léxico de Ouro Preto”, colocam em cena a relação entre memória linguística e religiosidade. Em seguida, num debate que toca diretamente a linguística aplicada, Larissa Giacometti Paris apresenta “A formação de redes de mediadores de letramento durante o processo de escrita de textos acadêmicos no doutorado” e suas potencialidades. Finalmente, no último texto da seção “Estudos Linguísticos”, é de novo a relação entre escrita e práticas acadêmicas que volta à cena, com “A escritura

encarnada na criação de conhecimento científico-acadêmico: notas sobre experiências”, de Clebemilton Gomes do Nascimento e Carlos Henrique de Lucas.

Além desses trabalhos, este número 62 de *Scripta* traz consigo duas resenhas e uma entrevista. Enquanto a primeira resenha, escrita por Cristian Henrique Imbruniz e Carla Jeanny Fusca, faz uma apresentação da obra *Évaluation et didactique: un dialogue critique*, de Daniel Bart, publicada em 2023, a segunda resenha, cuja autoria é de Thais Rabelo de Souza, se manifesta a respeito da obra *Teresa decide falar*, assinada por Lindevania Martins, publicada no ano de 2022. A entrevista, por sua vez, é com o professor Hernán Ulm, da Universidad de las Artes, de Buenos Aires. Concedida ao professor Alex Martoni, ao longo dela, o filósofo argentino discorre sobre questões concernentes às relações entre literatura, estética, técnica e política no mundo contemporâneo.

Ao fim e ao cabo, a natureza atemática dessa edição de *Scripta* tem como mérito congregar trabalhos oriundos de pesquisas desenvolvidas em mais de 15 diferentes universidades, presentes nas cinco regiões do Brasil e, também, em outros países. E, do nosso ponto de vista, sua pluralidade deve ser vista, antes de tudo, como um convite.

Boa leitura!